

Editora Zain

CANCIONEIRO

Agenda do impossível

Gabriel Soares

zain

© Gabriel Soares, 2026

© Editora Zain, 2026

Todos os direitos desta edição reservados à Zain.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor em 2009.

EDITOR RESPONSÁVEL

Matthias Zain

PROJETO DE MIOLO

Julio Abreu

PROJETO DE CAPA

Filipa Damião Pinto

PREPARAÇÃO

Sérgio Molina

REVISÃO

Cássia Land

Juliana Cury | Algo Novo Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soares, Gabriel

Agenda do impossível / Gabriel Soares. — 1ª ed. — Belo Horizonte, MG : Zain, 2026.

ISBN 978-65-85603-33-1

1. Ficção biográfica brasileira I. Título.

26-348898.1

CDD-B869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção biográfica : Literatura brasileira B869.93

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Zain

R. São Paulo, 1665, sl. 304 – Lourdes

30170-132 – Belo Horizonte, MG

www.editorazain.com.br

contato@editorazain.com.br

instagram.com/editorazain

Agenda do impossível integra o Cancioneiro Zain,
uma coleção dedicada a obras de ficção de músicos-escritores.

Agenda do impossível

1

Existem ao menos dois mundos: o meu mundo, e o mundo que vai continuar existindo quando eu deixar de existir.

2

Aquele que esgota a experiência da viagem no momento em que encerra a jornada no travesseiro do hotel não deixa material algum para ser lembrado.

3

Descobri que eu já tinha morrido em reuniões com amigos que se propunham somente a recontar histórias de quando éramos mais jovens, de quando éramos outros que pouco se parecem com o que somos hoje. Resolveram a existência, e para eles basta regurgitar anedotas que todos já sabemos de cor. Então é isso!?! Já vivemos tudo?

4

Depois de alguns dias sem sair de casa, um congestionamento me traz um certo conforto social. Alguns carros são rabugentos, outros calmos; há também os simplesmente feios. Todos eles me dão uma sensação de pertencimento. Até que voltam a me irritar.

9

5

Parece impossível seguir qualquer empreitada sem a sensação de estar agindo com a razão. Ele não teve dúvida.

6

As sentenças escritas à mão geralmente dão a impressão de terem sido mais bem refletidas.

7

O aumento da autoconfiança é proporcional ao risco do autoengano. Escrever para enganar a confiança, então?

8

A prosa é o pensamento andado; o aforismo é o pensamento parado. Ele pensou durante a pausa na sua caminhada.

9

Não sou; vou sendo. Quem disse isso? Bernardo Soares?

10

Um texto que afeta um conhecimento menor do que o existente é tão descartável quanto aquele que exagera a erudição. O texto perfeito é aquele em que nunca se compreende tudo. Esse pensamento lhe veio à cabeça enquanto dormia.

11

Acordei muito cedo. Mais cedo do que aqueles que costumam

acordar muito cedo. É como se eu tivesse morrido e todos ainda vivessem. Ou pior, é como se todos tivessem morrido e só eu sobrevivido.

12

Quase cortei meu cabelo. Desisti ao me ver numa foto antiga com cabelo curto. *“But I’m not giving in an inch to fear. Cause I’ve promised myself this year. I feel oh, like I owe it to someone.”*

13

Eu me corrijo para ser mais bem lido por mim mesmo, não pelos outros.

14

Minha avó fez oitenta e sete anos hoje.guardo o dia em que serei avisado da sua morte e não me escapará a imagem dos seus momentos finais — que já serão indiferentes a ela —, como se pertencessem somente ao passado, não ao terror dos seus últimos instantes, em que ela poderá ter pensado: Será agora? Ainda não? Quanto tempo mais?

15

Quero tudo aquilo que suspende o absurdo.

16

Li tanto que agora, se leio e não escrevo sobre o que li, parece que não li.

17

É provável que estejamos enganados a respeito de tudo. Ele sonhou.

18

Prometi a minha avó que a levaria pra conhecer meu apartamento novo. Amanhã eu passo pra te pegar e vamos lá, eu disse. No dia seguinte, não fui, esqueci completamente. Duas semanas depois, quando a reencontrei, ela se queixou. Não me espantou que tivesse lembrado, apesar da sua memória, que anda cada vez pior. Pra quem passa os dias sem a agitação das ocupações corriqueiras, qualquer compromisso marcado se torna um compromisso de verdade. Quando se promete algo a quem já não se pode prometer mais nada, é preciso cumprir. Aprendi.

19

A literatura como escape.

20

Enquanto lia um livro, tive mil ideias e uma necessidade urgente de parar de ler para escrever. Parei a leitura, abri o computador e me vi diante da página em branco. Todas as ideias desapareceram. Ao menos escrevi isto.

21

Às vezes fico pensando sobre qual livro deixarei interrompido, sem terminar, quando eu morrer. Será este que estou lendo agora? Não, esse eu consegui terminar. Mais um. Qual, então!? Ele gritou.

12

Folhee agora algumas páginas do livro que publiquei com um amigo há alguns anos. É revoltante que eu não tenha percebido na época o tamanho do meu amadorismo e da minha visão infantil sobre a maioria das coisas que escrevi. Sem contar a ineficiência e a fragilidade de um estilo que eu não consegui encontrar. Pelo menos aparentei uma segurança extremamente petulante sobre o que escrevia, e isso deve ser uma das poucas coisas que sobrevivem naquele livro. Mesmo assim, me sinto pior que o personagem de Thomas Bernhard em *O naufrago*, que dizia sempre ter vontade de queimar seus escritos. Não consigo me acostumar com o fato de que sempre que olho para trás, para o que fui, não vejo nada mais que um juvenil. E se eu vivesse quatrocentos anos?

Estava neutro, quase deprimido, jantando com um amigo que eu não via há alguns meses. Enquanto ele me perguntava sobre como eu me sentia, o que eu tinha feito nesse tempo, fui falando de mim, sobre as minhas coisas, e o aparente interesse do meu interlocutor — que me deixava concluir longas sentenças sem nenhuma pressa — me animou de tal maneira que eu só fui perceber que não estava mais neutro, nem quase deprimido, muito tempo depois. Parece que, por enquanto, isso basta pra me alegrar e me tirar dos momentos ruins. Falar um pouco de mim.

Quanto tempo precisarei para reconhecer que o importante não está no que escrevo, mas justamente no que apago?

Ultimamente venho bebendo uma garrafa de vinho sozinho toda noite. Quase todos os dias eu também faço musculação, corro na esteira, subo os degraus da escada elétrica, surfo nas pás do elíptico, suo como alguém saudável. Meus últimos exames de sangue revelam um corpo absolutamente em forma. Ao mesmo tempo me espanta a quantidade de vinho que ando tomando. Que espécie de homem eu virei? Um alcoólatra saudável?

Tenho muita sorte de ter nascido num país vizinho da Argentina. Ele quis provocar.

Dilsey é a personagem mais interessante de *O som e a fúria*. Impossível não lembrar de Françoise, a cozinheira de Marcel no *Em busca do tempo perdido*. Faulkner estudou bem os dois maiores escritores da sua época e os homenageou no seu livro, isso parece óbvio pra mim. Joyce nas experimentações do estilo, Proust nas reflexões acerca da memória e do tempo. Quentin quebra o relógio, mas o tique-taque não para. Candy tem cheiro de árvore para Benjy. O mesmo efeito sinestésico sentido pelo Compson mais louco de todos era sentido por Marcel velho, deitado na sua cama redescobrimdo o tempo. Enquanto no caso de Marcel o recurso sensorial bastava para ajudar nas lembranças — um cheiro era útil na formação de uma imagem mental que sozinha seria incapaz de ser evocada —, no caso de Benjy, era uma condição para interpretar o presente e o meio em que vivia.

Sentado na mesinha do *Café* lendo a autobiografia do Thomas Bernhard. Estou na parte em que ele está internado no “salão da morte” do hospital. Na minha frente, um casal que julgo ter uns dez anos a menos do que eu; e com eles, um músico aqui da cidade pequena, famoso por tocar em bailes de formatura e casamentos. Escuto eles negociarem o preço da apresentação da banda dele para o grande dia. Já os vi aqui meses atrás, iniciando as tratativas. Penso no dinheiro que vão desembolsar para a festa de casamento. A expectativa crescente, a ansiedade, todos os preparativos, a véspera, e finalmente a noite tão aguardada. Penso no dia seguinte, nas parcelas que se seguirão por meses, anos, até que finalmente toda a conta seja paga. Penso no abatimento e na desolação quando for descortinado o equívoco de ter gastado uma fortuna para agradar bêbados que estão pouco se lixando e que só querem aproveitar a ocasião pra comer e beber de graça. Enquanto escrevo isto, subo os olhos do notebook e vejo o casal rindo, uma gargalhada espontânea, quase eufórica. Escrevo isto porque, na verdade, me deu vontade de chorar. Não senti desprezo, como seria natural em mim. Senti tristeza. O sorriso verdadeiro e pueril da noiva acabou comigo.

Um mês em Nova York. Musculação e vinho todos os dias. Voltei para o Brasil com uma página e meia faltando pra terminar *Absalão, Absalão!* Thomas Sutpen levou três anos pra mobiliar a sede da sua fazenda. Penso na obra do meu apartamento, que já dura quatro anos.